



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17687 - Painel Temático - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

Painel Temático

AS PESQUISAS REALIZADAS ENTRE SERES, SABERES E FAZERES ANCESTRAIS APRESENTADAS NO CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL INTERCULTURAL INDÍGENA

Ozirlei Teresa Marcilino - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Ana Paula Azevedo Moura Careta - IFES - Instituto Federal do Espírito Santo

Celiane da Silva Vieira - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Paula Cristina Pereira Silva - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

Agência e/ou Instituição Financiadora: sem financiamento

AS PESQUISAS REALIZADAS ENTRE SERES, SABERES E FAZERES ANCESTRAIS APRESENTADAS NO CURSO DE FORMAÇÃO INICIAL INTERCULTURAL INDÍGENA

Ana Paula Azevedo Moura Careta – Secretaria de Estado da Educação (SEDU/ES)

Celiane da Silva Vieira – Universidade Federal do Espírito Santo

(UFES/ES)

Ozirlei Teresa Marcilino – Universidade Federal do Espírito Santo

(UFES/ES)

Paula Cristina Pereira Silva – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/MG)

Ozirlei Teresa Marcilino – Universidade Federal do Espírito Santo – Coordenadora

Inspiradas em pesquisas realizadas por estudantes indígenas de graduação que trazem outras ciências, fundamentadas na ancestralidade, na relação com a mãe-terra, na experiência, no saber construído nas vivências dentro e fora do território, propomos este painel com o objetivo de refletir sobre outros modos de produção de conhecimento, em favor de uma educação interepistêmica, diversa, inclusiva e intercultural. Para instigar essa reflexão, reunimos três estudos que nos provocam a atravessar fronteiras epistêmicas, sejam pelo protagonismo dos pesquisadores indígenas que antes eram tomados somente como objeto de pesquisa; sejam pelos questionamentos ao campo da educação, quando introduzem pedagogias elaboradas a partir de pontos de vista historicamente silenciados nos discursos oficiais. Ana Paula Careta faz uma reflexão sobre a emergência de epistemologias indígenas como um caminho para democratização da produção e acesso ao conhecimento. Defende que fortalecer as epistemologias ancestrais dentro das universidades gera experiências que podem ser pedagogicamente potencializadas, porque abrem novos horizontes para a diversificação das matrizes ideológicas, cosmológicas e epistêmicas. Celiane Vieira e Ozirlei Marcilino compartilham uma articulação intercultural desafiante e inovadora com a produção de trabalhos de conclusão do curso, quando se deparam com a urgência de pensar outros caminhos metodológicos de fazer pesquisa junto com povos indígenas, trazendo seus saberes para o centro da produção de conhecimentos nos espaços acadêmicos. Paula Silva discute os regimes de conhecimentos diferentes e, às vezes, divergentes por natureza, que são transmitidos e expressados por meio de diversas modalidades, pela oralidade, pela iconografia, pela arte e por sistemas de escritas que não se enquadram no sistema alfabético numérico. Assim, questiona e propõe a revisão dos formatos pedagógicos da universidade, assim como suas metodologias, suas linguagens e seus princípios científicos fundamentados essencialmente em uma única epistemologia, antropocêntrica e eurocentrada. Reunindo esses estudos, o painel anuncia metodologias, pedagogias e cosmologias ancestrais não coloniais, como um passo importante para se fazer justiça epistêmica e se construir bases para reconstruir o país com espaços acadêmicos mais democráticos.

Palavras-chave: Epistemologias ancestrais; Saberes indígenas; Educação interepistêmica.

Democratizando a produção e o acesso ao conhecimento:**emergências de epistemologias indígenas**

Ana Paula Azevedo Moura Careta

Secretaria de Estado da Educação (SEDU/ES)

Palavras-chave: epistemologias indígenas; produção de conhecimento; autoria;

Este resumo mostra uma articulação intercultural desafiante e inovadora de uma experiência coletiva com os trabalhos de conclusão do curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani (Prolind) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) no ano de 2022, por meio da participação como coorientadora dos Trabalhos de Conclusão de Curso de Silvio Carvalho Gonçalves (conhecido como Nhamãdu, de descendência Guarani Nhãdewa do Paraguai) e, posteriormente, de Aline Florencio Rodrigues Elisiario (pertencente a etnia Tupinikim) nos mostrou a emergências de epistemologias indígenas dentro das Universidades e representou um avanço significativo na construção de um diálogo mais equilibrado e abrangente entre diferentes epistemologias.

O pesquisador Silvio Guarani desenvolveu um trabalho que foi comunicado na forma de um memorial e de um documentário/vídeo, intitulado de Oo re ba'eapo Nhãdewa'e tekoa Porã Pygwa (As construções da aldeia Guarani Boa Esperança). As moradias tradicionais dos Guarani Nhadewa'e, registradas por Silvio, teve como intuito a preservação da tradição e o registro do conhecimento milenar das práticas de construções de casas tradicionais do seu povo. Para tanto, ele priorizou o diálogo com os anciãos da aldeia, em um movimento de aconselhamento, sobre a prática de construção de casas de moradias (Nhãdero) e de reza (Opy), mas também explorou os instrumentos utilizados na construção de casas tradicionais. A criação de um documentário audiovisual foi pensada para fins didáticos, para que os professores possam utilizar em sala de aula.

A pesquisadora Aline Tupinikim, em seu trabalho, revelou os saberes dos anciãos da aldeia de Comboios sobre o cultivo da mandioca e os produtos derivados da sua extração, reforçando a importância de preservar a natureza e conservar a cultura indígena, por meio dos conhecimentos ancestrais. Ela criou um documentário, intitulado de Cultura da Mandioca na Aldeia de Comboios, que nos provoca a refletir sobre a representação da cultura da mandioca como fonte do sustento familiar e comunitário, mas também como representação da coletividade, da união, de conhecimentos repassados por gerações, que se relacionam ao

trabalho em momentos diferenciados. A preocupação em fazer o registro dessa prática cultural da Aldeia de Comboios corrobora com os demais autores e pesquisadores indígenas, em fazer o registro dos saberes e práticas tradicionais de suas culturas, pois “faz parte da história das nossas famílias e estes saberes devem ser transmitidos para as gerações futuras” (Elisario, 2022, p. 16).

Logo ao iniciarem as pesquisas, na tentativa de desenvolver os seus trabalhos nos formatos da academia ocidental dominante – únicos caminhos possíveis de pesquisa que lhes tinham sido apresentados até então –, juntos fomos percebendo que estavam reproduzindo a prática de um pesquisador não indígena, o que acabava por não envolver a comunidade (aspecto importante aos povos Guarani e Tupinikim que foi reafirmado pelas falas das lideranças nas defesas que serão apresentadas mais adiante), além de dificultar a produção de dados, visto que não era um fazer pesquisa próprio deles.

Como nos afirma a pesquisadora Silva, “utilizar metodologias e métodos não indígenas mais próximos dos sistemas de produção e socialização de conhecimentos dos povos indígenas não é suficiente para romper com a reverberação de práticas coloniais, principalmente na academia, que continua sendo um local de violência estrutural” (Silva, 2022, p. 43). Assim, nos vimos diante da contradição de um fazer pesquisa indígena, visto que temos uma incorporação da rotina acadêmica posta que não rompe com o processo de colonização, porque a própria academia, eurocentrada e munida de violência estrutural, incorpora, ao mesmo tempo que impõe, metodologias de pesquisa que são externas, não só aos indígenas como a outros povos de comunidades tradicionais (Walsh, 2008).

A partir da constatação que somente a escrita alfabética numérica não seria capaz de sistematizar a produção de conhecimentos naqueles trabalhos, como orientadoras e parceiras de pesquisa, dialogamos sobre possíveis métodos/formatos compatíveis com as especificidades de fazer pesquisa e ser professor de cada um deles o início os indígenas pesquisadores nos sinalizavam que “No nosso primeiro encontro estávamos desesperados, pois não tínhamos noção de como escrever o TCC”, porém, eles, também percebendo a limitação dos procedimentos metodológicos da academia, passaram a fazer a pesquisa de um jeito mais compatível com as formas como o seu povo produz, compartilha e atualiza seus saberes/fazer. Com isso, os trabalhos ganharam um outro nível de produtividade e envolvimento das comunidades.

Os indígenas pesquisadores, então, desenvolveram suas pesquisas em diálogo com os seus próprios referências (os anciãos, os artesãos e/ou as lideranças de suas comunidades) e colaboração de suas próprias comunidades. Com isso, cada um desenvolveu um produto educacional que se apresentaram como produtos multimodais que articularam vídeos, fotos, desenhos, cantos e textos, além de um memorial escrito, que se complementam e podem ser acessados no formato digital pelo site da Prolind/Ufes.

Essa experiência nos mostrou o potencial de diferentes recursos comunicativos e a

importância destes para além da educação escolar indígena, à comunidade e suas constantes lutas pela preservação das culturas e histórias. Com as pesquisas de TCC, caminhos outros se abrem para que pesquisadores das aldeias, para além de contar suas histórias, possam registrar as suas práticas, memórias, culturas e experiências.

REFERÊNCIAS

ELISARIO, Aline Florencio Rodrigues. *A cultura da mandioca na Aldeia de Comboios*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani (Prolind). Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

SILVA, Paula Cristina Pereira. *xi hõnhã? e agora? vamos ser pesquisadores: um fazer pesquisa tikmũ'ũn entre múltiplos seres, saberes e fazeres*. 280f. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

WALSH, Catherine. Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgências político-epistêmicas de refundar el Estado. *Tabula Rasa*. Bogota, n. 9, p. 131-152, jul-dez, 2008.

“Quem são meus referenciais teóricos, professora”: saberes ancestrais em Trabalhos de Conclusão de Curso Intercultural Indígena

Celiane da Silva Vieira – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/ES)

Ozirlei Teresa Marcilino – Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/ES)

Palavras-chave: Saberes Indígenas; Produto Multimodal; Universidade.

Este trabalho discute a construção de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) de um grupo de estudantes indígenas do curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani da Universidade Federal do Espírito Santo (2015-2022), orientados/as para produzirem produtos educacionais de suas pesquisas. O reconhecimento dos saberes ancestrais próprios de cada cultura interroga os fundamentos do próprio campo teórico e de pesquisa em educação, a favor de uma educação interepistêmica que reconhece epistemologias indígenas e dá voz aos seus representantes.

Os produtos educacionais se apresentam como produtos multimodais que articulam vídeos, fotos, desenhos, cantos e textos, em que diferentes modos comunicacionais coexistem e se complementam. Essa experiência apresenta o potencial da multimodalidade, com o uso de recursos comunicativos de imagem, sons e música em textos multimodais. Tal proposta possibilitou uma articulação intercultural desafiante e inovadora com a produção de trabalhos de conclusão do curso, pois para acompanhá-los e compartilhar suas pesquisas, deparamos com a urgência de pensar outros caminhos metodológicos de fazer pesquisa junto aos povos indígenas, trazendo seus saberes para o centro da produção de conhecimentos nos espaços acadêmicos.

A princípio esse poderia ser um desafio a mais para a pesquisa, pois, de acordo com Smith (2018, p. 16), “apesar da extensa literatura a respeito da vida e dos costumes dos povos indígenas, há poucos textos críticos que adotam termos indígenas ou seus sinônimos locais quando se trata de metodologias de pesquisa”. Nesse sentido, defendemos que a discussão dos indígenas pesquisadores deve ser promovida no contexto da formação e que é preciso partir das suas próprias contribuições intelectuais para que não sejam limitados pelas categorias oriundas de intelectuais ocidentais e euro centradas. Dessa forma, o trabalho se fundamenta na compreensão do protagonismo e da autoria indígena a partir das discussões de Kayapó, Fernandes e Pesca, (2020), Krenak (2021).

Nossa expectativa é que o protagonismo dos/as pesquisadores/as indígenas seja

compreendido como sendo estes, intelectuais de suas culturas, sejam eles/as pesquisadores/as e os/as pesquisados/as, os/as anciãos/ãs, os/as artesãos/ãs e/ou as lideranças, que têm a função de disseminar e consolidar as culturas ancestrais dos seus povos, com potencial para promover concretamente a transformação de suas condições atuais e de resistência!

No trabalho de orientação de um TCC, a estudante tupinikim perguntou: “Quem são meus referenciais teóricos, professora?” A resposta foi com a mesma pergunta: Quem você acha que é seu referencial teórico? E assim, a reflexão surgiu de uma forma inicial, porém sistematizada por outros questionamentos: “Quem sabe mais da cultura tupiniquim do que vocês tupiniquim? Quem sabe mais sobre os saberes lunares da Aldeia de Caieiras Velha, se não vocês que vivem na aldeia? Quem você pode perguntar sobre o seu interesse de pesquisa?” E nesse momento, foi-lhe apresentado o livro *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas* de Linda T. Smith (2018).

O livro busca desconstruir a colonialidade do conhecimento ocidental e fortalecer modos originários próprios, evidenciando outras possibilidades de realizar pesquisa junto aos povos indígenas. A autora parte do posicionamento de que o conhecimento científico hoje predominante foi desenvolvido por meio de práticas racistas, que contribuíram para discriminar e desvalorizar os povos indígenas. Ainda, questiona ações colonizadoras que negam a legitimidade de reivindicações básicas, como o direito à terra e aos territórios, à autodeterminação, às línguas originárias, aos conhecimentos próprios.

O contato e a imersão no vasto campo de saberes indígenas nos mostra as metodologias ancestrais indígenas, repassadas de geração em geração por meio da oralidade. As escritas são diferentes. Os saberes são ‘escritos’ de outras maneiras, são extraídos de narrativas orais, que expressam a cultura. Dessa forma, para trazer para universidade as pedagogias praticadas por esses povos precisamos avançar na compreensão de escrita, como se apresenta na academia atualmente. Segundo Krenak (2021), existem razões que trazem a afirmação da existência de uma metodologia indígena e sugerem pensar em uma “descolonização metodológica”.

A compreensão de que a metodologia indígena não é individual e sim, coletiva mostramos que também a autoria, é coletiva, de uma comunidade, de um povo. O que para nossa cultura nos parece algo comum, simples e obrigatório, referenciar outras pessoas para podermos conduzir as nossas ideias e argumentos, em se tratando das referências indígenas, elas são praticadas, usadas, feitas em vários lugares e espaços.

Os trabalhos desenvolvidos pelos/as estudantes indígenas nos mostram como desenvolvem suas próprias formas de resistência, criando outras visões de mundo, também por meio da pesquisa, e que hoje podem ser usadas para enfrentar o colonialismo e a opressão ocidental. E nesse sentido, pensar a decolonialidade das metodologias e as referências ancestrais como reconhecimento da autoria indígena. Para Pesca, Fernandes e Kayapó (2020), o conceito de autoria, nessa abordagem socio-identitária, perpassa a capacidade

do(a) autor(a) de mobilizar os saberes do seu povo, de modo a captar o que os autores chamam de “essência” coletiva, o que entendemos como conhecimentos, experiências e sentidos construídos no interior de uma etnia. Essa tarefa tem um cunho político-social, pois trata da apropriação de um instrumento historicamente usado para o silenciamento, a escrita, e seu uso para reafirmação de identidades/alteridades e reivindicação de uma autonomia intelectual, o direito de falar por si e pelos seus.

REFERÊNCIAS

KAYAPÓ, Edson. FERNANDES, Alexandre de Oliveira. PESCA, Adriana Barbosa. *Por uma escrita indígena: Meu ser, minha voz, minha autoria*. Revista Eletrônica Multidisciplinar Pindorama, Eunápolis (BA), v. 11, n. 1, p. 187-201, jan./jun. 2020. P. 187-1

KRENAK, Edson D. de A.; LOPES, Danielle B.; PEIXOTO, Leonardo F.. “Com o sangue de quem foram feitos meu olhos?” Conversando com Edson Krenak sobre literaturas e metodologias indígenas. *Revista Teias*, [s. l.], v. 22, n. especial, p. 11–27, 2021. DOI: 10.12957/teias.2021.61628.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

Epistemologias indígenas, justiça cognitiva e social:

Desafios para a educação pluriépistêmica

Paula Cristina Pereira Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

Palavras-chave: Epistemologias Indígenas; Metodologias Indígenas; Educação Pluriépistêmica.

Este texto apresenta alguns dos desafios vivenciados na educação intercultural indígena por meio do compartilhamento de uma experiência de orientação de TCC no âmbito do curso de Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani (Prolind) da

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Os cursos de formação intercultural indígena inauguraram a abertura oficial de várias universidades públicas para os chamados conhecimentos tradicionais, viabilizando a escuta de povos que foram historicamente excluídos. Isto representa um grande passo para a construção de um diálogo mais horizontal e transversal entre epistemologias diversas. Entretanto, estamos diante de encontros entre regimes de conhecimentos diferentes e, às vezes, divergentes por natureza, que são transmitidos e expressados por meio de diversas modalidades, pela oralidade, pela iconografia, pela arte e por sistemas de escritas que não se enquadram no sistema alfabético numérico. Assim, a universidade e seus formatos pedagógicos, suas metodologias, suas linguagens e seus princípios científicos fundamentados essencialmente em uma única epistemologia, antropocêntrica e eurocentrada, precisam ser questionados e revistos. Principalmente porque o Brasil já é normativamente reconhecido como um país pluriépistêmico (Resolução nº 2 de 2017 do CNE).

É neste cenário desafiador que as propostas pedagógicas dos cursos de formação intercultural estão tentando construir um currículo pautado no diálogo entre diferentes culturas e buscando lidar com o problema da supremacia do saber ocidental dominante produzido no espaço acadêmico em relação a outras epistemologias. Por isso, um dos aspectos mais significativos dessas ações formativas é o de garantir a autoria indígena. Nesse sentido, o Prolind/UFES ofereceu aos estudantes a possibilidade de desenvolverem trabalhos de conclusão do curso que fossem produtos educacionais para suas escolas. Essa proposta inovadora tanto reconhecia e respeitava as especificidades das epistemologias indígenas, quanto atendia a demanda latente dos povos originários por produção de materiais didáticos específicos e diferenciados para suas escolas. É importante destacar ainda, que essa proposta se alinha também a uma agenda indígena a nível mundial que tem questionado o retorno concreto das pesquisas acadêmicas para as aldeias. De acordo com a pesquisadora indígena Smith (2018), hoje, os povos originários estão indagando a pesquisa quanto: “A quem ela serve? A quais interesses ela serve? Quem vai se beneficiar dela?” (p. 21).

Nesse sentido, minha orientanda Ana Paula dos Santos Martins Pego, da etnia Tupinikim, decidiu que no seu TCC registraria uma história do seu povo. Antes de iniciar o levantamento da história, em uma orientação, Ana Paula apresentou o primeiro desafio que tinha se deparado: qual metodologia utilizaria e quem seria o referencial teórico do seu trabalho? Ao longo do curso, ela tinha aprendido apenas caminhos para se fazer pesquisa acadêmica fundamentados em referenciais e metodologias não indígenas, estruturados na epistemologia ocidental dominante. Infelizmente, esta situação não é uma exceção, eu mesma enfrentei esse desafio quando realizei minha pesquisa de doutorado. Apesar dos sistemas de conhecimento indígenas serem legítimos e milenares, eles continuam sendo vistos como inferiores, inclusive nos espaços formais de produção de conhecimento.

Tendo o desejo de mostrar que os Tupinikim possuem práticas próprias, legítimas e ancestrais de para produção, compartilhamento e atualização de conhecimentos, Ana Paula decidiu que os referenciais de sua pesquisa seriam os anciãos e anciãs tupinikim, guardiões

dos saberes ancestrais, e que se pautaria na metodologia indígena operante no seu povo, da contação de histórias. Pesquisadores indígenas que já utilizam essa prática ancestral como metodologia de pesquisa, destacam que é por meio da contação de histórias que vários povos compartilham, produzem e atualizam seus conhecimentos ancestrais ao longo de suas gerações. Sobre isso, Ana Paula nos conta que: “Antigamente, [...] as famílias tupinikim se reuniam em volta da fogueira para contar suas vivências, experiências e histórias do dia-a-dia para os mais novos ali. Passavam horas e horas ouvindo, rindo, brincando, dançando e, acima de tudo, aprendendo (PEGO, 2022, p. 10).

Após o registro das narrativas, mais um desafio apareceu, o da transcrição. Não existia nenhuma exigência quanto ao formato do produto educacional, mas também não houve formação alguma ao longo do curso sobre outras possibilidades de sistematização e formatação da pesquisa. Algo importante pois a epistemologia ocidental dominante é extremamente escritocêntrica, tendo como foco majoritário um único sistema de escrita, o alfabético numérico. Sobre isso, a vasta produção filosófica de Derrida (1999) já tecia críticas à tradição do pensamento ocidental que passou a considerar escrita apenas uma tradução da fala, excluindo todas as outras formas de escrita no mundo que não passam pela mediação do som. Uma definição de escrita que não reconhece a alteridade, que preteriu e desconsiderou diversas outras, que foi inclusive utilizada para classificar alguns povos como “inferiores” por os considerarem ser “sem escrita”. Produtos educacionais multimodais, ou seja, que conjugam imagens, escritas, gestos, olhares, etc., apresentam-se como caminho potente para valorizar e respeitar diversas formas de se produzir, expressar e compartilhar conhecimentos. Além disso, é imprescindível problematizar o entendimento de escrita que vem sendo majoritariamente adotado na academia.

Não há no produto educacional da Ana Paula as narrativas orais registradas por ela, uma crítica que nós mesmas fizemos ao final do trabalho, pois “[...] temos ciência de que a escrita alfabética numérica não é a transcrição da fala, ela capta apenas algumas propriedades do discurso oral que são relacionadas com a forma verbal” (SILVA, 2022, p. 51). Entretanto, mesmo assim, é importante destacar que o produto educacional entregue materializa o fazer coletivo que rege grande maioria das pesquisas indígenas. Além disso, colabora com a luta indígena pela justiça cognitiva e social, tanto por fundamentar a pesquisa em uma prática do seu povo, a contação de histórias, quanto por reconhecer que essa prática é um caminho legítimo de produção de conhecimento. Além disso, o trabalho dá destaque aos mestres tupinikim, quebrando a lógica da pesquisa acadêmica onde o pesquisador busca apenas o que deseja ouvir. Ana Paula se esforçou para ouvir o que os contadores queriam contar e, assim, aprendeu o que eles queriam ensinar. Isso sim dá protagonismo aos participantes da pesquisa que passam a participar em outros termos, como co-autores, tendo suas decisões valorizadas e saberes reconhecidos. Apesar dos desafios ainda serem muitos, a iniciativa do Prolind/UFES e o trabalho apresentado semeiam esperança de que uma educação pluriépistêmica é possível.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PEGO, Ana Paula. *A contação da história tupinikim sobre a serpente embaixo da igreja*. Trabalho de Conclusão de Curso. Licenciatura Intercultural Indígena Tupinikim e Guarani (Prolind). Universidade Federal do Espírito Santo, 2022.

SILVA, Paula Cristina Pereira. *Xi hõnhã? E agora? Vamos ser pesquisadores: um fazer pesquisa tikmũ'ũn entre múltiplos seres, saberes e fazeres*. 280f. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social. Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.